

VOZES DA ABOLIÇÃO: MULHERES DO QUILOMBO E A TRANSIÇÃO PARA DOZE CONTOS, DE LUCIENE DE CARVALHO

VOCES DE LA ABOLICIÓN: MUJERES DEL QUILOMBO Y LA TRANSICIÓN A DOZE CONTOS, POR LUCIENE DE CARVALHO

Ojasto Firmino Pires Junior¹

Recebimento do Texto: 05/03/2025

Data de Aceite: 30/03/2025

Resumo: O presente texto tem como objetivo estudar a abordagem feita pela antologia de vozes de Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas, organizado por Selma dos Santos Dealdrina, publicado em 2020, pela editora Jandaíra. A antologia perpassa a memória, a cultura do povo afrobrasileiro, a partir da percepção das mulheres do quilombo. Com base, teórica, enfatizamos como se constrói, portanto, o discurso memorialístico que acolhe o espaço primordial de negro, o quilombo como esse espaço estigmatizado pela sociedade; por outro, (e para o negro) como espaço de reconhecimento. As vozes comungam uma origem em comum dos remanescentes de quilombos e a ancestralidade de negros que fugiram da残酷da da escravidão.

Palavras-chave: Memória. Vozes. Mulheres negras.

Resumen: Este texto pretende examinar el enfoque de la antología *Voces de Mujeres Quilombolas: Territorios de Existencias Femeninas Negras*, editada por Selma dos Santos Dealdrina y publicada en 2020 por Jandaíra. La antología explora la memoria y la cultura del pueblo afrobrasileño a partir de las percepciones de las mujeres quilombolas. Con fundamentos teóricos, destacamos cómo se construye el discurso memorialista, abarcando el espacio negro primordial: el quilombo como un espacio estigmatizado por la sociedad; y, por otro lado, (y para las personas negras) como un espacio de reconocimiento. Las voces comparten un origen común: los remanentes de los quilombos y la ascendencia de las personas negras que huyeron de la残酷da de la esclavitud.

Palabras-clave: Memoria. Voces. Mujeres negras.

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade Sávio Brandão. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL- UNEMAT, Campus- Tangará da Serra.

Introdução

A proposta desse texto constitui-se na reflexão acerca das representações das mulheres negras quilombolas, de suas lutas e opressões, trazidas no romance *Mulheres Quilombolas* (2020), da escritora Selma Dealdina. Cabe ressaltar que Selma dos Santos Dealdina é mulher quilombola do Angelim III, no Espírito Santo. Integrante de diversas organizações da sociedade civil, comprometidas com as lutas quilombolas e antirracista, como a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo (Zacimba Gaba) e o coletivo de Mulheres da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), da qual ocupou o cargo de Secretária Executiva.

Antes de qualquer argumentação, iniciamos com a seguinte indagação: Qual a importância de um texto que propõe o estudo analítico de narrativas de mulheres quilombolas? Para respondermos a este questionamento, passamos a analisar os seguintes quesitos.

1) Valorização das Vozes Femininas: é de conhecimento que as mulheres quilombolas frequentemente têm suas histórias e experiências marginalizadas. Quando damos vozes às essas mulheres, promovemos a valorização e o reconhecimento do papel dessas mulheres na construção da identidade cultural e na luta por direitos inerentes a elas.

2) Resgate da História: A narrativas dessas mulheres nos trazem uma perspectiva única sobre a história do Brasil, principalmente no que tange à resistência à escravidão, à luta por direitos territoriais e à preservação de tradições culturais, o que contribui para uma compreensão mais completa da formação da sociedade brasileira.

3) Preservação da Memória Cultural: as histórias narradas por essas mulheres quilombolas são fundamentais para a preservação da memória cultural, pois transmitem saberes, práticas e modos de vida que podem estar em risco de extinção.

4) Identidade e Pertencimento: Estudar essas narrativas contribuem para o fortalecimento da identidade das comunidades quilombolas e de seus membros, reafirmando o pertencimento a uma cultura rica e diversa.

5) Fomento à Pesquisa Acadêmica: Por fim, e não menos importante, essa

pesquisa pode incentivar outras investigações acadêmicas e projetos de extensão que busquem explorar e valorizar a riqueza das culturas quilombolas, criando um ciclo de conhecimento e valorização que beneficia a sociedade como um todo.

O estudo analítico das narrativas de mulheres quilombolas é fundamental para a construção de um Brasil mais justo, igualitário e consciente de sua rica diversidade cultural e histórica. As pesquisas sobre as representações de mulheres quilombolas em nosso país envolve diversos campos de estudos como a antropologia, história e gêneros. Fazendo um mapeamento sobre pesquisadoras/livros que trazem a representação de mulheres quilombolas, temos como algumas representantes: Jurema Wernwck- umas das principais vozes sobre feminismo negro e questões da mulher negra no Brasil; Rosana Heringer- analisa desigualdades raciais e questões das mulheres negras, incluindo as quilombolas; Eliane Cavalleiro- Trabalha principalmente com temas relacionados a educação e racismo; Denise Ferreira da Silva- aborda questões raciais que ajudam a entender as desigualdades enfrentadas por mulheres em comunidades quilombolas.

Oralituras: O Quilombismo

Uma antologia que exige a leitura como escuta, o texto que nasce dessa partilha da palavra falada, requer uma atenção às vozes pelo seu matiz oral. A palavra falada é a palavra empenhada. Empenhada em contar a “minha” história, histórias de mulheres que se ampliam como histórias do quilombo. O quilombo assume, portanto, mais que um lugar, um espaço, é um território reinvindicado. O quilombo é o território de movimento de maior amplitude e significado no processo de libertação dos negros escravizados no período colonial possui, em seu sentido linguístico, significado condizente com o seu propósito, embora a palavra quilombo tenha sido aportuguesada, como descreve Vainfas, “[...] vocábulo de origem banto (kilombo) alusivo a acampamento ou fortaleza” (Hall, 2016, p. 16).

Quilombo ou mocambo? Este último termo derivado do quimbundo mukambu, foram “as palavras que os portugueses usavam para designar as povoações africanas construídas nas matas brasileiras pelos africanos em diáspora” (Held, 2018, p.20). Dessa forma, o quilombo é o centro organizacional da quilombagem, embora outros tipos de manifestação de rebeldia também

se apresentassem, como as guerrilhas e diversas outras formas de protesto individuais ou coletivas. Entende-se, portanto, por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto do escravo, tendo como centro organizacional “o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliaram às demais formas de rebeldia” (Held, 2018, p. 26).

Nesse território de resistência se constroi uma relação com a ancestralidade, com o uso da terra, com a forma de organização e manifestações de identidade étnica e cultural, como forma reiterada de conformação de um sujeito diaspórico. Sujeito histórico de maior diáspora-violência entre os mares.

Falar de quilombos implica em abordar os direitos humanos, o caráter fundamental de justiça, nas vozes que reconhecem e exigem a dignidade humana. Nas vozes de mulheres do quilombo esse discurso fundamental da existência humana, da luta, da história, da barbárie. A algumas comunidades quilombolas, a questão da educação que aparece com força nas antologia das vozes das mulheres do quilombo, parece ter se constituído como prioridade em suas agendas sociais. Utilizando-se da escola como espaço privilegiado de lutas, os dirigentes destas escolas inseriram em seus currículos os saberes próprios da tradição negra afro-referenciada, aos quais denominam “educação quilombola”, numa interação contínua entre escola e o meio social envolvente, buscando-se como objetivo a auto-afirmação no interior de uma sociedade complexa da qual fazem parte (Hall, 2016, p.36).

Essa questão é fundamental para o que alguns pesquisadores chamam de “ideal da negritude”, pressuposto que permite aos africanos na diáspora experienciar um modo de vida próprio na consolidação do ser e do estar-se no mundo. Tais vozes das mulheres do quilombo permitem refletir e discutir a situação social e política do quilombo no Brasil para confrontar a história oficial. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade, o caráter intrínseco de sua sociedade tradicional faz com que todos os seus componentes busquem na ressignificação de antigas tradições de origem africana, o caminho que permita situá-la no interior do universo de representação quilombola (Carvalho, 1996, p.38).

Em contextos sempre violentos, a terra forneceu o amálgama que fixou as bases da identidade quilombola e o tempo se encarregou de forjar o ideal da

negritude rationalizando o seu espaço primordial, o espaço de negro, uma África reterritorializada na diáspora. É o que aborda uma parte da crítica que estuda os quilombos no Brasil e o que queremos refletir a partir das vozes das mulheres do quilombo.

Uma breve análise: Memória e a transição para a interpretação de *Doze Contos*

Uma análise de extrema importância para os estudos literários é: a memória, o presente trabalho, abordará de duas formas: a individual e coletiva pelo viés do conto que elegemos dentro da narrativa ficcional, a análise se dará na categoria da memória e do tempo, pois compreendemos que a memória se entrelaça com a noção de tempo, determinando conceitos que perpassam pelo imaginário como uma possibilidade de interpretação, para além da compreensão, conceitos estes que são fundamentais na narrativa que elegemos, isto é, o conto, um gênero curto, porém de uma significação profunda, é a partir da escritora mato-grossense Luciene de Carvalho que abordaremos uma análise, no segundo tópico deste trabalho, sem esquecer noções aprendidas no módulo: Literatura e Memória e que embasaram nossa pesquisa.

Elegermos o conto *O tempo*, pois classificamos, assim o narrador-personagem, em busca de sua identidade em consonância com a memória/evocação, Luciene de Carvalho, descreve uma personagem que narra sua vida e empenha-se em contá-la ao leitor de forma a deixar marcas da memória vivida, a profundidade desse conto, nos sensibiliza para pensarmos, como um personagem-narrador forte e seguro de si, descreve traços fundamentais sem esquecer: o contar, o tempo e o narrar que perpassam a memória, em um ato de evocação, “nada vem em auxílio da memória como função específica do acesso ao passado” (Ricoeur, 2007, p. 25), que nunca se apagará de sua recordação, no início do desenrolar do clímax do conto que será no final, talvez uma beleza estética surpreendente que a escritora, nos deixará um questionamento, dirá o personagem-narrador: - já, eu conhecia mulher há muito tempo, mas aquela vontade de ficar olhando para a cara de uma pessoa para sempre, oh! Isso eu não conhecia (Carvalho, p. 52), o definidor temporal: há muito tempo, marca assim, uma estreita relação entre o tempo e o ser/ fruto da memória que não é só individual, mas também, coletiva de recordar de si e do outrem.

É evidente que esse conto é arrebatador, pois nos transportará para um ato memorialista sem esquecermos da evocação/lembraça, ambientado no presente do passado. Como fundamentos nos valeremos do teórico Paul Ricoeur (1913-2005), História Memória e Esquecimento (2007) e Maurice Halbwachs (1877-1945), A Memória Coletiva (1990), para analisarmos o caráter da lembrança/memória da personagem do conto e isso, nos proporcionará uma introspecção para conhecermos sobre nós e falarmos sobre nossas realidades, com base no tempo que é fruto de uma memória que embora se esvai, não poderá ser esquecida.

A dinâmica do nosso texto no tópico I) falaremos sobre Santo Agostinho e o Tempo a partir de Ricoeur, consequentemente falaremos sobre a Memória Coletiva, a partir de Maurice Halbwachs, salientamos que utilizamos um sociólogo e um filósofo para fundamentar o conto escolhido como características interdisciplinar, essa relação assim, fará chegar ao tópico II) a análise do conto a partir da lembrança/memória e por fim, nossa análise do conto de Luciene Carvalho, Tempo.

Para uma fundamentação, consideramos no primeiro momento a memória coletiva, conforme aborda Maurice Halbwachs (1877-1945) que enfatiza que a memória individual é

construída por uma coletividade social, pois, nossa relação se estabelece na sociedade, com

traços que advém da convivência, afinidade e se fortalece a partir da uma identidade coletiva

que perpassa a memória social, afirma que:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sob nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na

exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas

por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Essas impressões são remetidas a ideia de Platão, sobre o bloco de cera, para interpretar que todos nós fomos moldados no mundo das ideias, por uma forma inicial, de alguma forma, alguns mais outros menos, nessa criação analógica, a memória é advinda das reminiscências dentro de um passado que

surgi no presente, nossa capacidade, portanto de criar informações das quais foram formuladas, como vivências e só poderão ser recordadas, a partir de uma vivência coletiva, sendo assim, ser relacionadas para Halbwachs como corrobora com o pensamento do teórico, a partir de um contato com o convívio social e a comunidade afetiva que estamos inseridos.

E nessa perspectiva é “preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também, no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa (Halbwachs, 1990, p. 39), talvez, não seria objeto de nossa análise, porém citamos Marcel Proust (1817-1922), escritor francês, desenvolva um pensamento mais aprofundado da memória coletiva, quando aborda que a coletividade é perpassada por uma recordação de uma busca daquilo que vivenciamos, para cooperar com nossa análise, os pesquisadores de Proust e Ricoeur, Rita de Cássia Oliveira e Adriano Carvalho, enfatizam que:

Na obra *Em busca do tempo perdido* (À la recherche du temps perdu), de Marcel Proust, o primeiro volume desta obra monumental, intitulado: *No caminho de Swann* (Du Côté de chez Swann), que introduzimos a questão da memória, porém não apenas como lembrança, mas sim a relação das lembranças com assimilação de experiências vividas através das formas complexas da temporalidade. As experiências de ficção configuradas pelo escritor prospectam um mundo: o “mundo do texto” em que o tempo e a memória são temáticas centrais (Oliveira e Viana, 2024, p. 36-37).

É essa evocação através dos sentidos que nos fazem recordar de situações que vivemos, em Marcel Proust, quando escreve sobre as madeleines, foi a recordação ao comer uns bolinhos e o chá de Tília que o fez recordar o passado, ou quando comemos um bolo de arroz, aqui do Mato Grosso e recordamos de nossa infância, ou momentos que vivenciamos com pessoas que amamos e não estão mais entre nós, afirmamos então, que a memória, também advém do sensorial, isto é, dos sentidos, como afirma Oliveira e Viana (2024, p.37):

Isto porque, ao comer um pedaço de madeleine, mergulhado numa xícara de chá, Marcel, que antes estava tomado por um desânimo quase invernal, sente-se invadir por intensa

felicidade, mais até do que felicidade: “Já não me sentia medíocre, contingente, mortal”. Com isso, vemos logo o que está em jogo: não a felicidade, mas a morte! Sem saber de onde lhe vem tal sensação, Marcel procura compreender o que lhe ocorreu. “E de súbito a lembrança apareceu”. De repente, lembra-se de quando comeu o mesmo bolinho misturado ao chá que lhe oferecia sua tia em Combray. A partir daí, é a cidade de Combray inteira e a sua infância volta a visitá-lo. O gosto do bolinho molhado pelo chá traz a ele sua infância, sua memória. Esse gesto, aparentemente, insignificante, devolve o que, com esforço consciente, vinha tentando realizar sem sucesso.

É a memória que fundamentará as recordações em Marcel Proust, pois, foi através dos bolinhos, a nossa recordação cotidiana é através de uma música, do perfume, do cheiro, de coisas que vivemos com quem amamos, recordar é um exercício terno da memória. Por outro lado, Paul Ricoeur, ao iniciar a sua averiguação sobre o tempo, a partir de uma tese agostiniana, definida por muitos estudiosos como, o tríplice presente (Ricoeur, 1984, p. 20), embasa que como muitos estudiosos elencaram que não existe em Agostinho uma fenomenologia pura do tempo, a sua teoria temporal é inseparável da operação argumentativa (narrativa) e, portanto, impossível pensar descrição sem discussão pois, atividade narrativa possui na capacitação do ser humano à criação de histórias, que são narrativas, e como corrobora Ricoeur, “o tempo torna-se tempo humano com a narração” (Ricoeur, 1989, p.15), aqui é nosso ponto de partida, isto é, o conto como forma de narrativa literária é dele objeto de nossa análise que buscaremos respostas sobre o tempo e a memória.

É precisamente por esse olhar teórico que operamos na própria narrativa a experiência do tempo, em Doze Conto interpretando a miragem, de Luciene Carvalho em que conduz à “perspectiva memorialista” de um “mistério temporal”, seria inevitável, pensarmos do ser do tempo, para assim, falarmos dele, compreender o tempo é eleger, os termos: será, foi, é , dentro da linguagem a apreensão agostiniana marcará um novo ciclo, com a pergunta: “o que é afinal o tempo? Se ninguém me pergunta, sei; se alguém pergunta e quero explicar, não sei mais” (Agostinho, 200, p. 22).

Considerações Finais

Para este trabalho foi realizado um estudo através de revisão bibliográfica de artigos publicados no Brasil no período de 2011 a 2021. Esse levantamento foi realizado através das bases de dados Google e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Assim, é de primordial importância estabelecer o método utilizado para desenvolver a pesquisa, vez que:

(...) o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (MARCONI; LAKATOS, 2019, p. 83).

Dessa maneira, a partir da pesquisa bibliográfica a respeito do tema, objetiva-se também buscar uma abordagem qualitativa do recorte, proposta a partir de uma análise do conteúdo, abordado face à problemática outrora levantada. Estabelecemos como fonte *Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas*, organizado por Selma dos Santos Dealdina, publicado em 2020, pela editora Jandaíra. No entanto, cumpre destacar que após o VI Colóquio com as contribuições resolvemos alterar nossa pesquisa e continuar com o referencial teórico, porém no viés da obra *Doze Contos* de Luciene de Carvalho, Imortal da Academia do Estado do Mato Grosso.

Referências

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia de Letras, 1996, p. 407-432.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas**. São Paulo: Jandaíra. 2020.

Halbwachs. Maurice . **A memória Coletiva**. São Paulo, Perspectiva,

HALL, Stuart. ***Da diáspora: identidades e mediações culturais.*** organização Liv Sovik;

HELD, Thaisa Maira Rodrigues. **Mata Cavalo.** A violação do direito humano ao território quilombola. LiberArs. São Paulo – 2018.

OLIVEIRA, Rita de Cássia; VIANA, Adriano Carvalho. UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DO TEMPO E DA MEMÓRIA NO TOMO I DE EM BUSCA DO

TEMPO PERDIDO. Revista *Dialectus - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 33, n. 33, p. 37–53, 2024. DOI: 10.30611/33n33id94046. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/94046>. Acesso em: 11 out. 2024.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seu autor.